

DAGOBERTO JOSÉ FONSECA

VOCÊ CONHECE
AQUELA?

A PIADA, O RISO E O RACISMO À BRASILEIRA



VOCÊ CONHECE AQUELA?

A piada, o riso e o racismo à brasileira

Copyright © 2012 by Dagoberto José Fonseca

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Selo Negro

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7^º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.selonegro.com.br>

e-mail: selonegro@selonegro.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prólogo 9

Um pouco de história 9

Combate ao racismo ou sua perpetuação? 10

Um resumo 11

Metodologia 12

1 O riso: construção sociocultural 17

O riso da ordem e da desordem 17

Quem ri por último ri melhor? 20

Bakhtin e Exu: o riso da vitória e da transgressão 24

2 A piada: expressão do preconceito e da exclusão 31

Piada e preconceito 34

Piada e jeitinho 40

Piada, ideologia e hegemonia 44

Português: estigma da burrice 46

O negro, a palavra e a mentira 51

3 Conhece aquela? 61

Os mitos de origem 63

Macumbeiros e cristãos: as cruces da caminhada 73

“Humor de branco” 81

As exceções e a regra 100

Malandragem, mito e cumplicidade 109

4	Cor/po (in)visível e risível	117
	A cor anunciada e o ser anônimo	118
	Negra atitude de ser	122
	Os fetiches da brancura e da negrura	125
	Breves considerações finais	135
	Referências bibliográficas	137
	Agradecimentos	143

Prólogo

UM POUCO DE HISTÓRIA

Era 1985, estávamos bem em frente ao restaurante da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, descontraidamente jogando conversa fora. Eu e o Cardoso, afro-brasileiros. A Meire, luso-brasileira. O Maércio, de ascendência polaca. Fazíamos o segundo ano do curso de Ciências Sociais.

Naquele clima alegre, falávamos a respeito do nascimento do Renan Augusto, o primogênito do Cardoso. De repente, Maércio resolveu contar-nos uma piada que, segundo ele, retrataria o nascimento do pequeno. Ficamos atentos, prontos para o riso largo. Então veio o choque.

“O médico, o Cardoso e, lógico, sua esposa estavam na sala de parto. O Cardoso estava nervoso, feliz e ansioso, suava frio no mesmo ritmo que sua mulher, quando começou a surgir o pequeno corpo do bebê. Logo depois, o médico deu um tapa na bundinha dele, depois outro e mais outro, aumentando a força dos tapas. Então o Cardoso, desesperado, gritou com o médico:

— Não está vendo que o meu filho está vivo? Ele está chorando, doutor!

O médico virou para o Cardoso e respondeu:

— Eu sei que ele está vivo, mas fala pra ele largar o meu relógio!”

Quando o Maércio terminou, a Meire esboçou apenas um riso amarelíssimo. O Cardoso ficou estático, perplexo com a piada. Eu também não tive reação alguma. *A ficha não caiu*

imediatamente. Passaram-se alguns minutos e constatei: ela era racista.

E o Maércio? Ele nos olhava com um *riso largo* sem entender por que não ríamos com ele. Desejava cúmplices, porém saímos cada um para um lado. Ele ficou parado sem entender a evasão para a porta do restaurante.

No meu silêncio e angústia, perguntava-me: por que o Maércio contou aquela piada? Seria ele racista, mesmo tendo o Cardoso como melhor amigo? Por que não reagi como deveria? Como ficaria diante de novas piadas, eu que as adorava? Tais perguntas perseguiram-me, eu exigia uma resposta – para mim e para os vários Maércios que nos rondam a todo momento. Com base nessas inquietações, fiz a pesquisa cujos resultados ora apresento.

COMBATE AO RACISMO OU SUA PERPETUAÇÃO?

O projeto e a pesquisa que originaram esta obra foram um imenso desafio para mim, pois eu estava diante de algo novo, sem parâmetro nas ciências sociais brasileiras e com mínimo material teórico e metodológico nas mãos que tratasse da piada e do riso nas relações etnorraciais.

A recepção do trabalho contou com sustos e opiniões divergentes. Alguns acadêmicos reagiram com uma ponta de ironia. Entendiam que ele retrataria uma obviedade ou a minha irreverência. Outros acreditaram que o estudo provocaria um processo conscientizador antirracista, denunciando o *racismo à brasileira* que aparece nas ridicularizações fomentadas pelas piadas.

No caso de membros de entidades do movimento negro, a recepção também variou. Algumas lideranças consideraram este um bom trabalho, pois o viam como mais um instrumento de investigação e análise da marginalização/discriminação do afro-brasileiro. Outras lideranças, porém, tinham suas preocupações; receavam que a pesquisa ressuscitasse velhas anedotas e contribuisse para a criação de novas piadas contra o negro.

Minha expectativa com a pesquisa, bem como com este produto final (o livro), é a de aprofundar e ampliar o debate e a reflexão sobre o *racismo à brasileira* e, a partir daí, propiciar uma prática coerente e responsável que o desvele e o desmonte – sem, contudo, retirar a piada de nosso convívio, pois não estou com isto proferindo qualquer apologia ao discurso “politicamente correto”.

Tenho plena ciência de que esta obra não esgota a discussão a respeito da piada nas relações etnorraciais brasileiras. Ao contrário, abre a porta para outras interpretações e análises sociais que não foram contempladas aqui, com um possível aprofundamento no campo da psicologia ou, ainda, da semiótica. Além, é claro, da possibilidade de estudos similares referentes aos homossexuais, às mulheres, aos portugueses, aos nordestinos, aos religiosos, aos japoneses etc.

UM RESUMO

Resultado de minha dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo¹, este livro está dividido em quatro capítulos. O primeiro deles demonstra que o ato de rir é uma expressão universal situada no tempo e no espaço dos diversos grupos humanos. Segundo Peixoto (*apud* Gil, 1991, p. 12),

o riso e o choro são entendidos como expressões que não se relacionam com um sentimento específico. Há várias formas de riso porque há várias espécies de sentimentos expressos por ele. Há um riso “nervoso” quase convulsivo. Os neuróticos podem rir assim. Temos o riso intelectual, cerebral, complicado. Temos ainda o “riso triste”, o “riso amarelo”, o “riso amargo”, às vezes mau, ordinariamente sem agressão, impessoal, desprezado das condições de simpatia ou antipatia humana. Temos também o riso da superioridade de espírito, gênero de que há pelo menos dois tipos clássicos definidos: a ironia e o humor. [...]

1. O título original da dissertação é *Piada: discurso sutil da exclusão – Um estudo do risível no “racismo à brasileira”*.

A fim de teorizar as questões pertinentes ao ato de rir na sociedade brasileira, no primeiro capítulo retornei aos períodos medieval, renascentista e iluminista vividos pela sociedade ocidental europeia visando compreender a forma e a disposição que esse ato adquiriu na Europa. Além disso, busquei na cultura e cosmovisão nagô entender o riso entre os africanos e os afro-brasileiros. Mesmo estando ciente de que essa cultura não abrange toda a África nem informa culturalmente todos os afro-brasileiros, considero valiosíssima sua contribuição cultural, política e psíquica para nossa sociedade.

No segundo capítulo, desenvolvi a tese de que a piada é um discurso informal que fomenta preconceitos, estereótipos e discriminações etnorraciais, mas também denuncia a existência dessas distorções sociais. A piada, cujo intuito é provocar o riso e dissimular conflitos, explicita com jeitinho a fragilidade da democracia etnorracial e social brasileira e, ainda, torna transparente a tentativa padronizadora perpetrada pelo branqueamento.

Já no terceiro capítulo, analisei as piadas de uma perspectiva histórico-antropológica, utilizando a contribuição de outras ciências e/ou informações que julguei significativas. Além disso, procurei trazer duas pessoas fictícias, virtuais, para dialogarem de maneira simples mas objetiva entre uma piada e outra.

O último capítulo não teve a pretensão de ser conclusivo, mas de abrir caminho para uma discussão mais profunda e ampla sobre as relações etnorraciais no Brasil. Assim, procurei analisar mais detidamente as questões que apareceram ao longo do texto. Dessa maneira, debruçei-me sobre o conjunto cor/corpo negro, posto que a maioria das piadas fazia referência direta ou indireta a ele.

METODOLOGIA

A pesquisa que originou este livro visou analisar as mensagens transmitidas pelas piadas que difundem, consolidam e denunciam a existência do preconceito, da discriminação, da margi-

nalização e dos estereótipos contra os afro-brasileiros em nossa sociedade. Além disso, procurei verificar *se e como* os afro-brasileiros reagem a tais piadas, produzem e reproduzem mensagens preconceituosas dirigidas a eles ou contra os brancos/os embranquecidos.²

Ao longo destas páginas busquei construir um diálogo entre antropologia e história, pois considero que as piadas são produções socioculturais que expressam estereótipos, preconceitos etnorraciais e sociais que surgem e ganham força em contextos específicos – geográfica e historicamente falando.

Abordei as piadas não com a intenção de dissecar seus códigos e signos, mas de interpretá-las sem provocar seu desencantamento. Essa metodologia permitiu investigar as relações entre brancos e negros na sociedade brasileira em seus microespaços, propiciando a descoberta de novas e antigas manifestações sociais.

As piadas surgem e ganham vida num universo engendrado pela produção cultural e pela história local, fazendo parte de um intercâmbio entre a língua, o poder, a força da palavra e suas representações, seus significados e as relações sociais vivenciadas, tanto material como simbolicamente, por negros e brancos na sociedade brasileira. O discurso da piada e seu riso transformam-se num desvendar da realidade.

Com esse objetivo coletei, cataloguei e selecionei as piadas que considere mais significativas, ou seja, aquelas que tinham “coerência con(textual)” que propiciasse uma interpretação histórico-antropológica. Assim, construí um quadro amostral

2. A conotação que damos aos termos “brancos”/“embranquecidos” está relacionada a duas dimensões propostas ao longo desta obra. A primeira baseia-se na concepção de que ambos são invenções, construções socioculturais e histórico-econômicas que foram criadas na sociedade brasileira desde o período colonial-escravista para designar e estabelecer diferenças e distâncias entre o nacional, o reinol e o africano ou indígena submetidos à escravidão e às expropriações física, intelectual e territorial. A segunda é aquela propugnada, entre outros, por Luís Gama em seu poema “A bodarrada”, que considera que brancos e embranquecidos no Brasil são aqueles que, muito embora sejam reconhecidos como afro-brasileiros, buscam fugir da cor e de todas as referências fenotípicas e culturais que os denunciam como alguém de ascendência africana.

qualitativo para a interpretação. Nesse processo, adotei os seguintes procedimentos:

- *Lugar da pesquisa*: o polo catalisador das piadas foi São Paulo. O fato de eu morar nessa cidade não impediu a coleta de dados sobre diversos estados do país. Porém, o trabalho se restringiu à região Sudeste, principalmente aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.
- *Fonte de dados*: a coleta foi realizada em livros, revistas, circulares reprografadas e em mensagens de e-mail³, bem como com membros do movimento negro e pesquisadores das relações etnorraciais no Brasil. Pesquisei também piadas em meio à população, nas ruas e bares, com vizinhos e amigos, a fim de levantar um material significativo e tão caro à sociedade brasileira.
- *Interpretação das piadas*: além de me basear na história, na antropologia, na economia, na saúde, no direito, na sociolinguística, na filosofia e na sociologia, lancei mão da psicologia social a fim de refletir sobre a autoestima e o autoconhecimento do afro-brasileiro e do branco.

A base histórico-antropológica e a contribuição da psicologia social, por exemplo, não refletem o mero encaixe de disciplinas que dialogam de forma despreocupada e sem propósitos, mas a tentativa de fazer a leitura das múltiplas facetas da realidade oferecidas pelo discurso da piada.

Este estudo transformou-se num grande e, por vezes, assustador desafio teórico-metodológico ao buscar a relação dialógica entre as ciências da sociedade, configurando-se a cada dia não

3. Vale salientar que as circulares percorrem todo o país, não tendo uma autoria explícita, o que não quer dizer que sejam uma manifestação anônima. O anonimato não as torna menos virulentas ou menos poderosas, mas reafirma a existência e a força do racismo à brasileira, pois provoca o prazer e, ainda, denuncia a violência e as distorções sociais no país.

num “objeto”, mas num novo “sujeito” que dialogava com seus vários “idiomas” por meio das piadas.

Saliento que não tive a preocupação de fazer quaisquer distinções de gênero neste livro. Assim, quando aparecerem termos como “afro-brasileiro”, “afrodescendentes”, “branco”, “negro” e outros, não significa que estou calcado na figura masculina, mas pautado num modo de escrever, ou seja, num recurso literário.

Finalmente, o que me conforta é a consciência de que posso ser impreciso, indeterminado. Mas busco, aqui, contribuir para a ampliação e o aprofundamento do estudo sobre as relações etnorraciais entre os brasileiros.

1 O riso: construção sociocultural

O riso nasce assim como uma espuma. Ele assinala, no exterior da vida social, as revoltas da superfície. Ele desenha instantaneamente a forma movente desses abalos. É também uma espuma salgada. Como a espuma salgada, ele crepita. É a alegria. O filósofo que a toma nas mãos para lhe sentir o gosto há de encontrar por vezes, numa pitada de matéria, certa dose de amargor.

HENRI BERGSON

Neste capítulo, desenvolverei uma reflexão sobre o riso como expressão decorrente de práticas e discursos socioculturais de diversos grupos humanos, em diferentes épocas e sociedades.

Aqui se verá que o riso euro-ocidental, proveniente da piada, é fruto de elaborações desenvolvidas no seio da sociedade com o fim de dar visibilidade à discriminação, mas descontraindo o ambiente. Na sociedade brasileira verifiquei também a presença do “riso negro”, festivo e popular, decorrente de uma visão de mundo ancestral que agradece à vida.

O RISO DA ORDEM E DA DESORDEM

O riso manifesto na Idade Média esteve fora da esfera oficial. A Igreja medieval e o Estado feudal buscaram extinguir as manifestações risíveis de seu interior, pois o riso era a expressão tradicional do povo. Assim, a cultura oficial da Idade Média estava vinculada aos tons sério e religioso, muito embora se verificasse nas festas oficiais e religiosas a presença de aspectos cômicos e profanos, pois havia a incorporação dos bufões e bobos da corte no intuito de alegrar o público presente tanto nos palácios como nas praças.

Mikhail Bakhtin (1987) constatou que o “riso ritual” expresso nas festas medievais era remanescente de sociedades antigas que não conheciam ainda as divisões de classe social, nem o Estado e suas mais variadas instituições. Porém, o “riso ritual” foi sistematicamente rejeitado pelas esferas oficiais, que consideravam as manifestações risíveis uma negação da seriedade, pois invocavam a instabilidade do espírito humano e, por conseguinte, da sociedade. O riso fomentava certo temor no clero e no Estado, pois carregava uma enorme força de saber popular, portando na sua essência e aparência a negação do absoluto e do imutável. Ele era considerado pela Igreja e pelo Estado uma arma extremamente perigosa que fazia parte da cultura e do *etos* popular.

Para Bakhtin (1987), a festa do povo tinha como característica a conversão a uma segunda vida que penetrava no reino utópico da universalidade e, principalmente, da liberdade, da igualdade e da abundância. O povo buscava, na festa, fugir das amarras sociais, encontrando no espaço supostamente alienado da alegria e da irreverência a possibilidade de viver longe das estruturas e das sólidas hierarquias medievais.

As festas promovidas pela Igreja e pelo Estado não portavam aspectos risíveis e irreverentes, mas a intenção de consolidar a ordem social existente, visando consagrar um universo estático e *perene*, com valores sociais e morais rígidos. Essas festas tinham o caráter de realçar uma verdade imutável; “o seu tom, portanto, só podia ser o da seriedade sem falha, e o princípio cômico lhe era estranho. Assim, a festa oficial traía a verdadeira natureza da festa humana e desfigurava-a” (Bakhtin, 1987, p. 8).

As festas oficiais visavam consolidar a hierarquia. Elas tinham o intuito de enfatizar as diferenças individuais e as desigualdades sociais entre todos. Assim, davam as costas ao futuro e contemplavam o passado.

Na época medieval, o semblante sério afirmou-se como a única demonstração da firmeza de espírito, da verdade, do